

## ***Onde vivem os monstros: um breve passeio por entre o livro e o filme***

Fernanda Rios de Melo<sup>1</sup>Diana Navas<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir de uma leitura comparativa de *Onde vivem os monstros* (1963), considerada por muitos a obra máxima de Maurice Sendak, e do filme homônimo (2009), de Spike Jonze, buscamos neste estudo identificar pontos de aproximação e de distanciamento entre as obras e de que modo recorrem às especificidades de suas próprias linguagens para a construção de sentidos. Recorre-se, para o alcance desse intento, a um estudo bibliográfico, qualitativo e de cunho hipotético-dedutivo, o qual está amparado principalmente, pelas reflexões de Van der Linden (2011), Moraes (2022) e Nodelman (1988), no que tange às teorias referentes ao livro-álbum, e pelos estudos de David Bordwell (1985), no que concerne ao cinema. Observamos, a partir das leituras empreendidas, que, se o livro propõe inovações no que se refere à construção da arquitetura do livro-álbum, explorando com maestria a tríade texto verbal, ilustração e projeto gráfico, o filme inova em termos temáticos. Assim, nota-se que, tanto o leitor quanto o espectador dessas obras precisam estar abertos à leitura de traços e características temáticas, materiais e/ou estéticas inovadoras, assumindo um papel ativo para suas respectivas fruições.

**Palavras-chave:** Maurice Sendak; *Onde vivem os monstros*; Livro-álbum; Cinema; Spike Jonze.

### **Introdução**

*Onde vivem os monstros* foi publicado em primeira edição no ano de 1963. Desde então, vem sendo reconhecido como uma das obras mais representativas da literatura para infância. Em 2023, ano em que a obra comemorou 60 anos, ela foi eleita em uma pesquisa feita pela *BBC Culture* como o melhor livro infantil de todos os tempos. Desde sua publicação, seja gerando polêmica, seja agradando a leitores pequenos e crescidos, *Onde vivem os monstros* é uma referência quando se fala em livro-álbum. A obra, em 1964, recebeu a medalha Caldecott, prêmio distintivo oferecido pela *American Library Association*. Quais seriam, no entanto, as razões para que seja tão laureada e tão amada?

<sup>1</sup> Bolsista CAPES. Assistente de direção e autora de livros literários para crianças e jovens na Literatura Filmes. Doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestra em Letras pela Universidade de São Paulo. Graduada em Letras (Alemão) pela Universidade de São Paulo. Graduada em Comunicação Social pela Fundação Armando Álvares Penteado. Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0009-4284-6673>. E-mail: [fernandariosdemelo@gmail.com](mailto:fernandariosdemelo@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, com pós-doutoramento em Linguística, Letras e Artes pela Universidade de Aveiro. Mestra em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em Letras pela Universidade do Grande ABC. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4516-5832>. E-mail: [diana.navas@hotmail.com](mailto:diana.navas@hotmail.com).

Maurice Sendak (1928-2012) foi um autor e ilustrador americano. Nascido de pais judeus poloneses, sua infância foi afetada pela morte de muitos membros de sua família durante o Holocausto. Autor de obras como *In the Night Kitchen*, *Outside Over There*, Sendak ilustrou também muitas obras de outros autores, incluindo os livros *Little Bear*, de Else Holmelund Minarik, tornando-se o primeiro autor norte-americano contemplado, em 1970, com o prêmio Hans Christian Andersen, tido como "o Nobel da literatura para crianças".

Não coincidentemente, ele era um profundo estudioso e admirador da obra de Randolph Caldecott. Sendak declarou que o trabalho desse artista anunciava o livro-álbum moderno, justamente porque Caldecott sabia jogar com a transmissão da narrativa ora por meio de imagens, ora através de palavras (Sendak *apud* Salisbury; Styles, 2013). Antes de continuarmos, faz-se necessário, no entanto, que destaquemos o tipo de obra a que estamos nos referindo. O livro-álbum se desenvolveu em maior parte no século XX. Uma das mais completas definições desse tipo de produção é de autoria de Barbara Bader:

Um livro ilustrado<sup>3</sup> é texto, ilustração, design total; um item de manufatura e um produto comercial; um documento social, cultural e histórico: e, acima de tudo, uma experiência para a criança. Como uma forma de arte, ele passa pela interdependência de imagens e palavras, pela exibição simultânea em duas páginas, e pelo 'drama da página virada' (Bader *apud* Salisbury; Styles, 2013, p. 75).

Delimitado este nosso primeiro objeto de estudo, passamos à sua linha narrativa. O mote da obra é bem simples. Max é colocado de castigo no quarto por sua mãe depois de aprontar muitas travessuras. Ele, enfurecido, decide fugir de casa. Acaba chegando, então, a uma terra distante, onde é eleito o rei dos monstros. Após passar uma temporada lá, sente falta de uma certa pessoa e, quando retorna a seu quarto, sua mãe havia deixado ali uma sopa que ainda estava quentinha. Ou seja, o tempo parece não ter passado no quarto de Max, enquanto ele estava em sua jornada. Até aqui a história de Max parece bem normal, similar a de outras crianças. No entanto, a maneira como Sendak constrói esse episódio, utilizando para isto de todos os recursos possíveis dentro do objeto livro, é o seu trunfo. Em outras palavras, ele se vale do texto verbal, do texto visual e do design para a construção da narrativa.

<sup>3</sup> A maioria dos textos no Brasil utiliza a denominação livro ilustrado. Sugerimos neste artigo, empregar o termo livro-álbum por entender que com esta escolha haveria menos enganos entre livro-álbum e livro com ilustração.

Em comparação a esta conhecida obra, apresentamos como o filme de Spike Jonze, produtor, diretor de filmes e videoclipes, roteirista e ator americano. O filme, produzido em 2009, apesar de homônimo, é apenas inspirado no livro, já que possui uma duração bem maior do que apenas o episódio de uma noite.

Este artigo tem alguns objetivos. O primeiro deles é compreender de que modo se constrói este livro. O segundo é refletir como o cineasta buscou adaptar esta obra. O último é como estas duas obras se relacionam. Teremos, para isso, uma perspectiva analítica de cunho bibliográfico que tem como primeiro alvo o livro-álbum e seus vieses e, posteriormente, a observação da adaptação cinematográfica.

## O livro

E ainda estava quentinho (Sendak, 2023, p. 33).

*Onde vivem os monstros* é inovador em diversos aspectos. O primeiro e talvez um dos mais importantes é como a criança adquire um papel de protagonista ativo na narrativa. A mãe de Max, mesmo sendo fundamental para que a história aconteça, não aparece nas ilustrações, sendo apenas mencionada no texto verbal. Assim, é reiterado o fato de que Max é o personagem central. Notamos que, ao longo da obra, como o poder de imaginação de Max constrói seu mundo individual ou, como o próprio Sendak designou, o lugar onde vivem os monstros.

No texto verbal, notamos o uso do pretérito perfeito, indicando um acontecimento isolado e concluído na vida de Max. Logo no *incipit*, esta ideia de um evento especial é apresentada em: “Na noite em que Max vestiu sua fantasia de lobo e saiu fazendo bagunça...” (Sendak, 2023, p. 1). Em outras palavras, toda a narrativa se mantém nesse tempo verbal, pois a visita àquela terra dos monstros aconteceu uma única vez.

Notamos que o autor divide o texto verbal entre as páginas duplas<sup>4</sup> de modo que criem uma certa tensão a cada virada de página. Por exemplo, no momento em que Max é colocado de castigo, o texto verbal aparece dividido em cinco partes. Representando o primeiro trecho

---

<sup>4</sup> Segundo Sophie Van der Linden em sua obra *Para ler o livro ilustrado* (2011), os livros-álbums constituem por meio de texto verbal e visual dispostas em pequenas unidades de sentido, as suas páginas duplas (Van der Linden, 2011).

do texto verbal está o ponto em que Max, ainda um menino comum, apronta e a mãe resolve colocar o menino de castigo no quarto. O trecho é “Naquela mesma noite, no quarto de Max surgiu uma floresta”. Evidencia-se, aqui, a reiteração daquele tempo, “na noite”, o período de tempo em que tudo aconteceu; e do espaço, “no quarto de Max”, que é fundamental, dada a imaginação do menino poder ser livre nesse ambiente. A segunda parte deste trecho é “que cresceu”. Na fatídica noite, não somente a floresta surgiu como também cresceu. Há um acréscimo pelo aditivo “e”, e ainda um crescimento da floresta no quarto de Max, apresentado por meio das imagens. A terceira parte do excerto é “cresceu, até o teto ficar coberto de trepadeiras e as paredes se tornarem o mundo à sua volta”. Nela, Max já não está em seu quarto, mas ainda não chegou ao seu destino final. Na quarta parte, Max encontra-se em um barco na ilustração – e, portanto, já não está em seu quarto – e veleja em direção a uma terra desconhecida. O texto verbal que lemos na página da esquerda é “e brotou um oceano com um barco só para Max, que partiu a navegar através das noites e dos dias”. A escolha do verbo brotar é notável justamente porque ela advém da imaginação de Max: ele imagina e as coisas acontecem. Por fim, na última parte, “semana após semana, durante quase um ano inteiro, até chegar ao lugar onde vivem os monstros”, somos apresentados ao primeiro monstro na imagem, um monstro marinho. No texto verbal, surgem mais marcações temporais indicando que Max navegou por muito tempo até chegar ao lugar que nomeia a obra. Somente neste pequeno excerto de texto verbal, podemos afirmar que Sendak sabia ponderar sobre como colocar pausas e quando convidar seu leitor a passar para a próxima dupla.

As palavras nos conduzem até o mundo imaginado por Max por meio de um conjunto de ações do protagonista. Percorremos mares junto ao menino até chegar à maior delas. Ao chegar no lugar onde vivem os monstros, as frases começam a ter um certo humor, construído pela repetição dos termos e pela aliteração, como podemos notar nesse trecho: “E quando chegaram ao lugar onde vivem os monstros, eles soltaram seus terríveis rugidos e rangeram seus terríveis dentes, e reviraram seus terríveis olhos e mostraram suas terríveis garras”. Por meio da repetição, seja do termo “terrível”, seja do fonema /r/ – que reforça a ideia de rugidos –, o leitor vai se tornando mais e mais familiarizado com os monstros e ficando cada vez com menos medo.

As palavras reaparecem apenas quando Max se cansa de estar com os monstros e gostaria de ir para onde tivesse alguém que o amasse acima de tudo. Quem seria afinal este ser?

Seguindo a última oração, que também está dividida em 3 duplas, isto é, nas 3 viradas de páginas seguintes, é neste momento em que Max volta ao seu quarto e encontra um carinho em forma de sopa quentinha.

O texto verbal é bem enxuto e de suposta simplicidade, em oposição às imagens, com muitos detalhes. A seleção lexical acontece de modo preciso, haja vista que as imagens também são narrativas. As palavras destacam questões que devemos nos atentar nas ricas ilustrações. Somente sabemos o que Max apronta por conta das imagens (Nodelman, 1988); são elas que nos explicam, por exemplo, porque Max foi colocado de castigo. As ilustrações são muito reveladoras na obra de Sendak e, em *Onde vivem os monstros*, elas ganham ainda outra dimensão:

Com certeza, o conflito interno igualmente intenso de Max em *Onde vivem os monstros*, de Sendak, ocorre, pelo menos em parte, em imagens mais amplas nas quais cenários complexos são o foco principal de nossa atenção; mas essas imagens mais amplas expressam habilmente os sentimentos de Max em termos de seu estado mental. Significativamente, o título deste livro refere-se a um lugar, assim como os títulos dos outros livros de Sendak que se concentram em definir e expressar conflitos internos em termos de lugares imaginários, mas externos: *Na cozinha noturna* e *Lá fora, logo ali* (Nodelman, 1988, p. 42, tradução nossa).

Em outras palavras, *Onde vivem os monstros* representa em imagens o mundo interior de Max, seus pensamentos e sentimentos. Desde a capa, somos convidados a imaginar o que as imagens significam. Elas transmitem em si parte da narrativa e podem nos sugerir um enigma a decifrar. Max, nosso protagonista, não aparece na capa. Vemos o lugar onde vivem os monstros, o barco (o meio de transporte que leva Max até aquele mundo) e um dos monstros que dorme. Essa figura dormindo pode nos transmitir a ideia do onírico que trespassa todo o livro ou pode, ainda, sugerir-nos um mundo imaginativo, já que há nele um monstro que dorme. As palavras presentes na capa seguem a mesma ordenação do miolo do livro: fontes pretas em um fundo branco. Esta fonte se tornou uma marca registrada das obras de Sendak. A capa, assim como o texto verbal, parece simples. Mas as ilustrações nos guiam onde vivem os monstros, porque elas possuem o devido destaque. Ao nome de Sendak atribuem-se os créditos tanto de ilustração quanto de texto verbal, revelando um autor único da obra.

As ilustrações não possuem um tom tão infantil. A opção por cores escuras à primeira vista é curiosa. Em momento algum vemos o menino em suas roupas de dia a dia. Ele está o tempo inteiro vestido de *wild thing*, assim como os monstros. Max parece ser um lobo. A posição da lua demonstra o passar do tempo e a figura dos monstros não parece ser tão assustadora assim no decorrer do livro. As cores presentes no livro, sóbrias no início, posteriormente acabam sugerindo uma certa tranquilidade.

Sobre o projeto gráfico, a posição do texto verbal em relação às ilustrações sempre aparece na página esquerda da dupla e a ilustração na página direita. Isso demonstra que a obra foi organizada para que sempre se olhe primeiro as ilustrações e, na sequência, fosse realizada a leitura do texto verbal na página à direita. No entanto, este padrão é quebrado logo adiante, pois, na sequência, as ilustrações começam a aumentar à medida em que Max se encaminha para a terra dos monstros. Quando ele chega à floresta, a ilustração preenche o quadro da página esquerda da dupla. O leitor, assim, espera que estaria encerrado o “caminho” das ilustrações. Mas, logo percebemos que assim como o mundo dos monstros se aproxima, cada vez mais as ilustrações tomam o espaço das páginas na dupla. É neste ponto que Max entra no barco e começa a navegar e as ilustrações vão “crescendo” em direção ao texto verbal. Até que Max finalmente chega onde vivem os monstros e o texto verbal é empurrado para a borda inferior das duas páginas.

É neste ponto também que o texto verbal aumenta de volume. Aparentemente, a palavra finalmente tomará conta e, mais uma vez, o leitor é pego de surpresa: a ilustração cresce para baixo, tomando o quadro de toda a dupla. É o momento da bagunça geral em que o rei Max é coroado e permite a bagunça geral dos monstros (ou seria de seus sentimentos conturbados?). Quando ele se cansa daquela terra, o texto verbal parece retomar seu lugar momentaneamente e, em seguida, o protagonista retoma o caminho, até que chegamos novamente ao seu quarto na página direita da última dupla. A obra é finalizada com uma página esquerda simples, apenas com texto verbal, na qual nos deparamos com a informação que a sopa deixada pela mãe ainda estava quentinha. O efeito promovido por esta estrutura dá forma aos pensamentos de Max. Dito de outra forma, quanto mais ele dá asas à sua imaginação, mais as ilustrações ocupam os espaços em cada dupla. Ao retornar para o mundo real, a ilustração também vai diminuindo e o espaço em branco vai adquirindo lugar.

Ao final, poderíamos terminar no branco total de uma página simples. Porém, nela aparece a frase que encerra a obra. Essa indica que a sopa ali deixada ainda estava quentinha. Essa pequena oração determina que toda a construção temporal apresentada no texto verbal, na verdade, somente se deu na mente imaginativa de Max.

No tocante do design da obra, notamos que as características da fonte escolhida são bem discretas. As fontes são retilíneas e escuras. As cores, apesar de presentes, demonstram certa discricção. A presença do branco e, conseqüentemente, a ausência de elementos em determinados momentos pontuam um projeto gráfico muito consciente por parte deste autor único. O formato do livro, grande e italiano, na horizontal, funciona tanto para que facilite o seu manuseio, quanto para que favoreça as paisagens do novo mundo. O papel escolhido para a obras tem um peso, uma gramatura que confere autoridade à narrativa.

Por meio dessa breve passagem por esta obra de Sendak, fica demonstrado que o autor conseguiu construí-la por meio de um eficaz jogo entre o texto verbal, as ilustrações e o projeto gráfico. A viagem de Max é feita por meio deste entrelaçar de elementos. Estamos diante de um paradigma dos livros-álbuns porque, nele, conseguimos observar a jornada de Max, em meio aos seus sentimentos, através do hábil jogo estabelecido entre palavras, imagens e design. Por meio desse jogo, constroem-se diferentes sentidos. Exemplo disso é que os monstros, que, a princípio, representariam seres desconhecidos e que produzem medos, depois da leitura podem começar a significar, para muitos, os sentimentos “recolhidos” de Max, de modo que essas figuras, supostamente monstruosas, vão se revelando amigáveis e, até certo ponto, doces.

*Onde vivem os monstros* é uma obra modelar, representativa e significativa para gerações porque se encaminhou para uma mistura muito completa de elementos de que o livro-álbum se constitui: uma complexidade imensa fantasiada de simplicidade, uma familiaridade que abrange muitas ideias em si tanto em relação à forma quanto ao conteúdo, sendo essa, talvez, a maior contribuição de Sendak para a literatura infantil.

## **O filme e uma breve comparação**

Toda forma de arte busca inspirações em suas antecessoras. Notadamente o cinema teve o teatro e a literatura como principais fontes. Para Bordwell (1985), o cinema é narrativo porque

usa um tipo de representação que deve considerar diversos aspectos à sua volta, como a história e a realidade. A narração, para o teórico, seria uma estrutura que combina partes, nas quais esses aspectos estão contidos. Logo, esta combinação possibilita uma certa poética nessa narração. Em outras palavras, um produto artístico construído a partir de uma base estruturada. Para Bordwell (1995, p. XI):

Podemos, em resumo, estudar a narração como um processo, a atividade de selecionar, organizar e representar o material da história de tal forma que se exerçam sobre o receptor alguns efeitos específicos relacionados com o tempo. Denominarei esse processo de narração e é o tema central desse livro.

O filme *Onde vivem os monstros*, de Spike Jonze, empreende a adaptação da narrativa tão complexa do livro-álbum de Sendak para o cinema. O primeiro passo que vemos na adaptação é o prolongamento da narrativa. De apenas um episódio de uma noite de travessura de Max em que ele é colocado de castigo e surge um mundo à sua volta, os roteiristas (sendo o próprio Jonze um deles) e o diretor criaram todo um outro contexto em torno de Max.

Max tem uma relação conturbada com a irmã. Em uma das primeiras cenas do filme, sofre uma espécie de *bullying* dos amigos dela, e fica ressentido com a falta de atitude de Claire em defendê-lo. Ele é filho de uma mãe que precisa se desdobrar em várias para dar conta de tudo: filhos, trabalho, namorado. Fica evidente que, apesar da dedicação da mãe, Max não compreende que há momentos em que ela precisa se dedicar a outras coisas.

Um ponto importante é que a floresta não surge no quarto de Max como no livro. Depois da briga com a mãe, ele foge de casa. Mesmo sabendo que o trecho entre sua casa e o barco possa ser um caminho de imaginação, isto não fica evidente no filme, o que enfraquece uma das grandes possibilidades do livro de que toda aquela jornada teria sido criada pelo próprio Max. Os monstros, no filme, são personificados. Eles agora adquirem vozes, movimento, uma identidade e personalidade. Max, em determinados momentos, até parece que adquire novos melhores amigos; e os monstros ganham novas dimensões.

Parafraseando Bordwell: a primeira ideia de mimesis seria a de imitação de seres animados por meio do corpo e da voz. Na antiguidade clássica, o conceito passa a fazer parte das artes plásticas como a pintura e a escultura. Na sociedade contemporânea, ele passa a acontecer por meio do romance na prosa de ficção e no cinema. A narratividade aparece na tela

ligada à narração mimética porque depende da visão. Para Bordwell, ainda o cinema se diferencia da literatura, haja vista que, assim como no teatro, vemos os personagens em movimento.

Não identificamos no filme novas proposições estéticas revolucionárias como há no livro. A grande contribuição do filme seria um clima soturno para um filme infantil (o que, por muitas vezes, foi controverso) e por tratar explícita e detalhadamente do espaço psíquico do pequeno aventureiro. O clima, aqui, é construído, em parte, pelo uso de cores terrosas e contraste com pequenos pontos de azul, os quais representariam os pequenos momentos felizes do menino. Por outro lado, esta atmosfera é também criada pela fotografia. No documentário *Diga-lhes tudo que quiser: um retrato de Maurice Sendak* (2009), feito como pesquisa para o filme ficcional, observamos a convivência de Jonze com Sendak, e entrar em contato com o documentário nos ajudou a compreender as decisões tomadas pelo diretor em busca de conseguir adaptar a obra máxima de Sendak.

A partir de nossa análise buscamos demonstrar que, apesar de as duas obras terem em comum o mesmo fio narrativo condutor, acabaram seguindo caminhos diferentes. Enquanto Sendak procura apresentar apenas um episódio cotidiano na vida de Max por meio da estrutura inovadora do livro-álbum, Jonze busca construir um contexto familiar e psicológico do protagonista a fim de conseguir abarcar aspectos para além daquele pequeno ponto em sua vida.

## Conclusões

*Onde vivem os monstros* tornou-se um clássico, a obra mais reconhecida de Sendak, e, assim, gerou uma série de produtos que derivaram dela. O filme é apenas uma delas. Observamos ecos desta história desde *O grúfalo* (1990), de Julia Donaldson e Axel Scheffler, até em produções mais recentes como *Domingo* (2023), de Marcelo Tolentino, ou *Quando você sai* (2024), de Gastón Hauviller, no mercado editorial brasileiro.

A importância de *Onde vivem os monstros* está em construção desde 1963. Desde o início, ela não foi uma obra que procurou facilitar a leitura de suas diversas camadas. Por vezes, Sendak disse que produzia literatura para os leitores sem diferenciá-los por idade. Talvez o seu grande diferencial more exatamente nesta escolha. Sendak não menospreza seu leitor, ele o vê

de igual para igual e, assim, utiliza imagens, palavras e um projeto gráfico que funcionam excepcionalmente em conjunto.

Já na proposta audiovisual de Jonze, a inovação aparece mais na temática. As relações do menino protagonista e seus sentimentos foram dilatados e testados, por vezes representados pelos monstros. A voz dos monstros, representada pelos atores, traz uma certa dimensão humana e possibilita um maior diálogo entre eles e o menino. Assim como Sendak, Jonze buscou não entregar a sua narrativa audiovisual sem que o espectador assuma um papel ativo. Por ir além do chamado cinema “tradicional”, talvez, o filme não tenha alcançado o sucesso esperado.

De qualquer modo, essas obras em diversas linguagens se relacionam e trazem Max como protagonista de uma narrativa de aventura e de transformação. Elas exigem tanto do leitor quanto do espectador que acompanhe Max imersos junto com ele. O menino, determinado, enfrenta obstáculos para encontrar o seu porto seguro. Assim, também o fazemos e nos sentimos diante da obra de Sendak, um clássico eterno.

## Referências

BORDWELL, D. *Narration in the fiction film*. London: Methuen & Co, 1985.

CARTER, I. Where the Wild Things Are: The greatest children's book ever. *BBC*, [London], 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/culture/article/20230522-where-the-wild-things-are-the-best-childrens-book-ever>. Acesso em: 27 jun.2023.

DIGA-LHES tudo que quiser: um retrato de Maurice Sendak. Direção: Spike Jonze e Lance Bangs. [S. l.: s. n.], 2009. Documentário.

DONALDSON, J.; SCHEFFER, A. *O grúfalo*. São Paulo: Brinque-Book, 1990.

HAUVILLER, G. *Quando você sai*. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2024.

MORAES, O. Carta ao senhor Merlot: o sofrimento da imagem In: GARCIA, A. L. M.; CUNHA, M. Z. da (org.). *Linguagens verbovisuais e do design em urdiduras poéticas*. São Paulo: FFLCH/USP, 2022. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/860/775/2848>. Acesso em: 26 jun. 2023.

NODELMAN, P. *Words about pictures: the narrative art of picturebooks*. Georgia: University of Georgia Press, 1988.

ONDE vivem os monstros. Direção: Spike Jonze. Burbank: Legendary Pictures, 2009. Filme.

SALISBURY, M.; STYLES, M. *Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual*. São Paulo: Rosari, 2013.

SENDAK, M. *Where the wild things are*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023. Originalmente publicado em 1963.

TOLENTINO, M. *Domingo*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

VAN DER LINDEN, S. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

### ***Where the wild things are: a brief walk between the book and the movie***

**Abstract:** Based on a comparative reading of *Where the Wild Things Are* (1963), considered by many to be Maurice Sendak's greatest work, and the film of the same name (2009), by Spike Jonze, we aim in this study to identify points of approximation and distance between the pieces and how they resort to the specificities of their own languages to construct meanings. To achieve this aim, a bibliographical, qualitative and hypothetical-deductive study is used, which is mainly supported by the reflections of Van der Linden (2011), Moraes (2022) and Nodelman (1988), regarding to theories relating to the book-album, and to the studies of David Bordwell (1985), regarding cinema. We observed, from the readings undertaken, that, if the book proposes innovations regarding the construction of the architecture of the picture book, masterfully exploring the triad of verbal text, illustration and graphic design; the film innovates in thematic terms. Thus, it is noted that both the reader and the viewer of these works need to be open to reading innovative thematic, material and/or aesthetic features and characteristics, taking an active role in their respective enjoyment.

**Keywords:** Maurice Sendak; *Where the wild things are*; Picturebook; Cinema; Spike Jonze.

**Recebido em:** 14 de junho de 2024.

**Aceito em:** 26 de julho de 2024.